



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 19ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão 🌟

Assinatura de convênio com FUNARJ e honrarias de Mérito Cultural reforçam compromisso do CCJF com a difusão da arte e da cultura



Da esquerda para direita, Sr. Jackson Emerick, presidente da Funarj, Dra. Ana Cristina Dib Miguel, desembargadora do TJRJ, Dr. Theophilo Miguel, diretor-geral do CCJF, Nicola Miccione, Secretário da Casa Civil do Rio de Janeiro e Marcus Lontra, curador

Nos dias 22 e 23 de outubro, a Sala de Sessões do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) — palco de julgamentos históricos do Brasil enquanto Supremo Tribunal Federal (até a década de 1960) —, recebeu dois importantes eventos: no 1º dia, a assinatura do emblemático convênio entre o CCJF e a Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ) e, em ambas as datas, homenagens com moeda e certificado de Mérito Cultural — honra máxima concedida pelo Centro Cultural — a profissionais exemplares que atuam em prol da cultura carioca.

Diretor-geral do CCJF recebe, na Alerj, Medalha IFEC de Cidadania 2025



O Instituto Interamericano de Fomento à Educação, Cultura e Ciência (IFEC), realizou, no dia 6 de novembro, na Assembleia Estadual do Rio de Janeiro (Alerj), uma homenagem especial a personalidades e destaques na área da educação e da cultura.

O diretor-geral e desembargador do Tribunal Federal da 2ª Região (TRF2), Dr. Theophilo Miguel, foi um dos nomes consagrados com a *Medalha IFEC de Cidadania 2025*, que destaca e rende honras a profissionais e instituições que, com a união de saberes e valores, possuem o compromisso comum de melhorar a sociedade.

No dia 22, com a presença da equipe de servidores do CCJF, da FUNARJ e da Casa Civil do Rio de Janeiro, o acordo de cooperação para o desenvolvimento e à execução conjunta de projetos culturais, artísticos, educacionais e patrimoniais foi assinado pelos atores envolvidos. Compuseram a mesa da cerimônia, além do anfitrião, Dr. Theophilo Miguel Filho, diretor-geral do CCJF e desembargador do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2), os homenageados Jackson Emerick, presidente da FUNARJ, Nicola Miccione, Secretário de Estado da Casa Civil do Rio de Janeiro, Dra. Ana Cristina Dib Miguel, desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e Marcus Lontra, curador e crítico de artes visuais responsável pela futura exposição a ser montada no CCJF — que contará com obras de grandes pintores brasileiros como Cândido Portinari e Tarsila do Amaral, cedidas pelo Acervo de Artes do Banerj. Todos receberam, pelas mãos do diretor-geral do CCJF, a moeda e certificado de Mérito Cultural.

Na ocasião, Dr. Theophilo deu as boas-vindas e agradeceu a todos pela presença, ressaltando a importância do convênio entre CCJF e FUNARJ, parceria que, segundo ele, “representa mais do que um acordo formal entre instituições, simboliza a união das forças em prol da valorização da arte, da memória, do patrimônio cultural do nosso estado.” Para o diretor-geral, esse convênio renova a vocação do CCJF em “ser o espaço de diálogo entre o passado e o presente, entre o Direito e a cultura, entre a cidadania e a criação artística.” Ao encerrar seu discurso, Dr. Theophilo reverenciou a todos que tornaram possível essa celebração, com especial citação àqueles que receberam as honrarias. “Reforço nosso compromisso de seguirmos juntos, com entusiasmo, responsabilidade e na construção de um futuro em que a arte continue a iluminar a justiça e a justiça a inspirar a arte”, concluiu.



Da esquerda para direita, Lucas Padilha, Secretário Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, Dr. Theophilo Miguel, diretor-geral do CCJF, Diego Vaz, Secretário Municipal de Conservação e Serviços Públicos do Rio de Janeiro e André Breves, empreendedor e permissionário da Banca do André

Já no dia 23, na cerimônia em homenagem a Lucas Padilha, Secretário Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, Diego Vaz, Secretário Municipal de Conservação e Serviços Públicos do Rio de Janeiro e André Breves, empreendedor e permissionário da Banca do André, polo cultural localizado na Rua Pedro Lessa,

Na abertura do evento, o Prof. Dr. Raymundo Stelling, fundador do IFEC, destacou que, somados, o conhecimento e a vontade de atuar resultam em projetos e ações que mantêm vivo um ponto fundamental para o IFEC: o civismo. “Cremos que temos que trabalhar e promover os valores que nos são comuns, como povo, como nação, sobretudo uma nação que possui uma diversidade tão grande e essa diversidade, justamente, é o que talvez nos faz mais fortes. O importante é não caber em muros, mas sempre ser pontes que construam”, disse.

Ao conceder as medalhas, o professor ressaltou sobre a importância do senso de humanidade. “Somos humanos, temos um compromisso com a vida, podemos ceder um pouco de nós a favor do outro. Nessa altura, consideramos então a Medalha IFEC de Cidadania, como a mais alta outorga social da Instituição”, declarou.

Segundo ele, o objetivo da honraria é reconhecer publicamente profissionais e instituições das mais diversas áreas que colaboram com os seus exemplos de vida, suas trajetórias e conquistas. “São exemplos (os homenageados) vitoriosos e dignos conquistados através do trabalho e da crença dos valores humanos. Humanismo, tolerância, respeito à democracia, enfim, valores que nos tornam dignos de sermos chamados de seres humanos.”

.....

além de agradecer os homenageados pelo empenho e valorização em prol da cultura e, especialmente, do CCJF, Dr. Theophilo celebrou a promissora parceria entre entes públicos, iniciativa privada e Centro Cultural e reafirmou o compromisso de todos com a democratização do acesso à arte, à história e ao conhecimento. “Costumo dizer que o Centro Cultural Justiça Federal vai existir, com a gente, sem a gente ou apesar da gente... somos apenas partícipes da história e trajetória dessa obra prima maravilhosa. Mas como todo espaço público, depende da colaboração de pessoas engajadas, comprometidas com o bem comum. É justamente essa parceria exemplar que nós celebramos aqui. A titularidade da coisa pública é do cidadão. Temos um dever importantíssimo na manutenção, conservação e preservação desse espaço e as pessoas que nós homenageamos aqui são fundamentais para esse desiderato, tanto no aspecto material quanto no imaterial.”, destacou na abertura da cerimônia.

Após agradecer pela honraria, Lucas Padilha ressaltou a relevância do CCJF para a cidade do Rio de Janeiro. “Esse Centro Cultural é um local onde há policultura, diversidade, recebe todos os formatos e tipos de arte e dá vida a esse território importante que é o centro da cidade”, pontuou ao mencionar, em seguida, que equipamentos culturais como a Banca do André, que leva a cultura para ‘além muros’, também são fundamentais, um exemplo para se pensar em boas políticas públicas. Segundo o secretário, a moeda de Mérito Cultural concedida pelo CCJF não é um reconhecimento a ele, mas ao poder transformador da cultura. “É um convite para voltar e para fazer muito mais. Bons gestores públicos são mais indignados que a população. Reconheço as nossas vitórias como um estímulo para fazermos mais”, disse.

Na sequência, Diego Vaz destacou que a liga responsável pela sinergia e conexão entre pessoas que querem fazer o Rio dar certo é ter uma alma boa e disposta para deixar um legado para cidade fluminense, maior patrimônio dos cariocas. “Fico muito grato e feliz, vou guardar com todo o carinho a moeda e o certificado e colocar no meu escritório, ao lado do local onde assino meus documentos. Tenha certeza que esses pequenos grandes gestos a gente não esquece, esse reconhecimento fica guardado no nosso coração”, salientou.

Por fim, André, emocionado e agradecido, declarou que não imaginava que um dia teria a oportunidade de sentar-se ao lado das autoridades presentes em uma cerimônia, na Sala de Sessões, e ouvir verdadeiros elogios a ele mesmo. “É extremamente importante quando uma instituição pública acredita no meu trabalho, me aceita, me acolhe e me dá estrutura. Dr. Theophilo assumiu em abril; estamos em outubro e eu estou nessa mesa, recebendo essa medalha. Imagina o que a gente não pode fazer daqui para frente, depois desse reconhecimento”, ressaltou.



Mostra Cultural Consciência Negra transforma CCJF em palco de escuta e celebração da ancestralidade afro- brasileira



Em novembro, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** realiza a **Mostra Cultural Consciência Negra 2025**, iniciativa que propõe um mergulho nas múltiplas dimensões da experiência negra no Brasil, destacando e valorizando sua produção artística e cultural. O espaço da Justiça Federal, historicamente associado ao poder jurídico e às estruturas de normatização social, transforma-se em palco de escuta, reconhecimento e celebração da ancestralidade afro-brasileira.

A iniciativa promove reflexões sobre arte, Judiciário e cultura, ao ressignificar o CCJF não apenas como símbolo de poder institucional, mas também como território do povo: aberto à diversidade, à crítica e à escuta.

A mostra afirma a potência da população negra e instaura novas arenas de debate, em que resistência, memória e futuro se entrelaçam em movimento. Com exposições, debates, performances e exhibições audiovisuais, o evento se estabelece como um território de memória e de futuro, em que a herança africana se expressa em múltiplas linguagens: música, teatro, cinema, literatura e artes visuais.



Centro Cultural Justiça Federal é destaque como polo de exibição no 27º Festival do Rio

Entre os dias 2 e 12 de outubro de 2025, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu uma parte significativa da programação do 27º Festival do Rio, se reafirmando como espaço estratégico para a produção audiovisual brasileira. Ao longo do festival, foram mais de 30 filmes exibidos gratuitamente no Cinema e no Teatro do CCJF. Anualmente, o evento é responsável por conectar o público a obras de muitos artistas que ainda estão em ascensão e, no CCJF, essa ponte aconteceu de maneira democrática tanto para os artistas, quanto para o público.

Iniciado em 1999, o Festival do Rio cresceu com o objetivo de dar visibilidade e reconhecimento à produção nacional. Filmes que estreiam no evento disputam o Prêmio Redentor, um dos mais prestigiados do país, que incentiva produção, distribuição e carreira de obras e criadores brasileiros. Felícia Krumholz, coordenadora geral e curadora do Programa Geração - o segmento infanto juvenil e social do Festival do Rio, destaca a relevância dessa trajetória. “O Festival do Rio é hoje fundamental para o audiovisual brasileiro. Todo cineasta quer apresentar seu filme aqui”, diz. Ela ressalta que esse compromisso também se reflete no RioMarket, espaço do festival dedicado a negócios, produções e trocas tanto entre profissionais renomados, quanto novos no mercado.

Mais do que ganhar mais uma sala de exibição, o festival encontra no CCJF localização simbólica, espaços versáteis com capacidade para diferentes formatos e públicos, acesso imediato ao metrô, VLT e pontos de convivência da Cinelândia. “O CCJF não foi apenas escolhido como ponto de exibição. Ele sempre foi um super parceiro, um espaço lindo, que ajuda a revitalizar a Cinelândia enquanto território de cinema. A população precisa retomar a cidade. A Cinelândia tem tudo: salas, teatros, metrô, VLT, restaurantes. Queremos fortalecer esse glamour histórico e o CCJF faz parte desse projeto. A gente já chegou em Niterói e nos subúrbios, mas acho que ainda falta muita coisa. Gostaria de ir para Campo Grande, Santa Cruz, Petrópolis, Teresópolis, Friburgo, cidades que de alguma maneira poderiam ampliar seu espaço e sua projeção e apresentação de filmes”, pontua Felícia.

O conceito parte da ideia de que a Consciência Negra não se limita a uma data, mas constitui um processo contínuo de afirmação e transformação social.

Confira [no site](#) a programação completa da mostra e participe!

A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

O serviço de visita orientada é gratuito e o agendamento pode ser feito pelo e-mail: visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente (e para os olhos)

Em 2025, destacaram-se duas vertentes, filmes voltados a debates ambientais e produções realizadas por crianças, apresentadas e discutidas por eles. O resultado é um público diverso, que vai de apaixonados por cinema à novos espectadores — um investimento cultural a longo prazo. Ao receber mais uma edição do *Festival do Rio*, o CCJF reafirma seu papel como espaço de encontro e celebração do cinema e como um parceiro ativo na democratização do acesso à cultura, na renovação do público e na valorização do audiovisual brasileiro.

A união entre o *Festival do Rio* e o Centro Cultural se torna não só estratégica, mas essencial: ela devolve à Cinelândia o protagonismo cultural que sempre teve e garante que experiências transformadoras continuem sendo compartilhadas de forma gratuita e acessível. Assim, o CCJF continua cumprindo sua missão de ser um espaço público acolhedor, que valoriza a arte, promove o aprendizado e convida a população a viver o Rio com mais alegria e pertencimento.



Em cena, no palco do CCJF, Marília Ciribelli, Ruth Ciribelli, Gabrielly Sant'Anna, Ju Ferreira e Gabriela Januário (música) retratam cinco fases do luto. Ao final, incentivam a aceitação pessoal

Deixa eu dizer que te amo: entre a cura e a aceitação

Durante o mês de outubro, o Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) foi palco do espetáculo *Deixa eu dizer que te amo*, peça teatral que fala sobre cuidado, autoestima e afeto, dirigida por Stephanie Dourado, com texto de Gabriela Januário.

O espetáculo, estrelado por cinco atrizes, retrata as fases da vida das personagens que são representadas pelos cinco estágios do luto. Essas histórias passam pela negação de aceitarem a realidade que viveram, a raiva por perceberem o lugar em que foram colocadas por anos de opressão, a barganha, quando tentam se reconciliar com suas dores, a depressão, quando revelam as consequências da exclusão social e, finalmente, a aceitação, quando finalmente entendem que podem, sim,



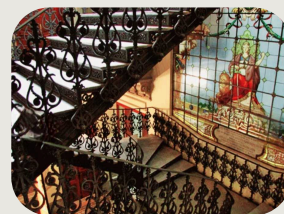
Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta**, das 12h às 17h, exceto no recesso judiciário e feriados.



Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



encontrar felicidade sendo elas mesmas. As agressões são cotidianas e, muitas vezes, sutis, mas causam grande dano psicológico em quem as sofrem e geram comportamentos autodestrutivos nas personagens. Durante o processo de cura, as boas companhias são essenciais para mostrarem que as personagens merecem viver com dignidade e afeto e que, além disso, um corpo fora do padrão merece ser tratado com respeito.

A presença musical foi um ponto marcante na apresentação. A cada cena, as músicas cantadas traziam um tom íntimo e comovente, combinando com as luzes e com o cenário, que ajudaram a criar uma atmosfera poética, fazendo o público se sentir pertencente à apresentação. Teve até quem participasse subindo ao palco em uma das cenas. A escritora Luana Carvalho, que foi convidada a contribuir, compartilhou a importância da peça e como ela se sentiu representada. “Eu me identifico com tudo, porque é uma história que todas as mulheres, mas sobretudo as mulheres fora do padrão, passam. Desde a infância, aprendemos que o nosso corpo é um problema a ser resolvido e, se não resolvemos, sofremos as consequências de não ter resolvido. É também uma falta de entendimento, até biológico, de que existem corpos que nunca serão magros. Eu me emocionei várias vezes com o espetáculo. É um espetáculo que todo mundo deveria ver, mas sobretudo as mulheres, principalmente aquelas fora do padrão, então, eu recomendo a todos”, declarou a escritora.

A atriz Gabriela Januário falou sobre a experiência de se apresentar no CCJF e a importância de ter uma cadeira acessível para pessoas obesas no teatro, além de relatar como o espetáculo impacta a vida das pessoas. “Gostaríamos de ressaltar algo que nos agradou bastante, que foi o conforto das cadeiras e a existência de uma cadeira digna para obesos. Nosso espetáculo fala justamente sobre essa temática, então ficamos felizes que o Centro Cultural Justiça Federal esteja sendo acessível. *Deixa eu dizer que te amo* surge para lembrarmos a importância de nos tratarmos com carinho e não deixarmos que a opinião alheia seja dominante. Um espetáculo de resgate de memórias e muito afeto. Obrigada por permitirem e contarem essa história conosco, até breve”, contou a atriz.

Deixa eu dizer que te amo é um relato sensível e profundo sobre como corpos gordos são tratados com desdém e como isso afeta diretamente na autoestima de mulheres que não são vistas com bons olhos pela sociedade. É um lembrete de que todas as pessoas merecem ser amadas e cuidadas, principalmente por si mesmas, e um alerta sobre a importância de ter uma boa rede de apoio durante a jornada do autoconhecimento.



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você conhece o Centro de Memória Institucional do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2)?

Ele fica dentro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), ao lado da Sala de Sessões, e já abrigou a Sala do Presidente do STF. Essa sala possuía uma “passagem secreta”, ou seja, uma entrada exterior que permitia que o presidente a acessasse de forma reservada. Contudo, a entrada foi desativada e acabou perdendo a possibilidade de restauração. Assim, anos depois, foi transformada em um local emblemático: o Centro de Memória Institucional do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2). Lá, contamos com o vitral da memorável Marianne, uma representação simbólica dos ideais pelos quais a República Francesa lutava. A imagem se destaca por usar um gorro vermelho e, logo abaixo dela,



aparecem os símbolos da Justiça: a espada, a balança e um pergaminho com pena, que representam as leis. Mais acima, está o Brasão da República. A figura é cercada por ramos de café e tabaco, símbolos das principais riquezas do Brasil na época. Além disso, a sala possui registros importantes que fazem parte da história do TRF2. Vale a pena a visita!

Música une Brasil e Japão em celebração histórica no CCJF

O Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) foi palco, em 22 de outubro, de uma noite marcada pela emoção e pela celebração da amizade entre Brasil e Japão. O concerto *Brasil-Japão - Atravessando o Tempo e o Oceano*, realizado com apoio do Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro, homenageou os 130 anos de relações diplomáticas entre os dois países por meio de um repertório que conectou gerações, tradições e afetos.

A apresentação reuniu a cantora Mako (voz e percussão), a pianista Yuka Shimizu e o violoncelista Kayami Satomi, musicistas de trajetórias ligadas ao intercâmbio cultural entre as duas nações. Em cena, o trio interpretou obras de Camargo Guarnieri, Chiquinha Gonzaga, Tom Jobim, Humberto Teixeira, Joe Hisaishi, Ryuichi Sakamoto, entre outros, além de canções do folclore japonês e referências do J-POP. O público pôde acompanhar momentos de leveza, como no tradicional japonês Furusato (Miki Rofuu/Yamada Kousaku), e outros de grande conexão emocional, como em Água de Março (Tom Jobim), Samba do Avião (Tom Jobim) e Que Nem Jiló (Humberto Teixeira/Luiz Gonzaga).

Moradora do Rio de Janeiro há 24 anos, Mako celebrou não apenas a data histórica, mas sua relação afetiva com o CCJF. “Este teatro é um lugar muito especial para mim. É um espaço que me permitiu crescer como artista e experimentar diferentes expressões. A música que criamos nessa noite transcendeu fronteiras”, disse ela. A artista ressaltou ainda o impacto emocional da noite ao ressaltar que mesmo as canções em japonês foram recebidas com muito carinho. “Nossas emoções ressoaram em harmonia, tocando os corações de todos.”

Para além do espetáculo, o concerto simbolizou a continuidade de uma história compartilhada entre Brasil e Japão, construída pela arte, pela imigração e pelo afeto. A sintonia entre Mako, Yuka e Kayami reforçou a importância da colaboração entre artistas de diferentes origens. “Assim como os laços diplomáticos se fortaleceram ao longo de 130 anos, espero que nossa parceria e minha relação com este teatro sigam crescendo. Mal posso esperar para voltar a este palco, com toda a sensibilidade que aprendi no país que me acolheu”, acrescentou Mako.

Com entrada gratuita e classificação livre, o concerto reafirmou o compromisso do CCJF em promover experiências que celebram a diversidade cultural e estimulam o diálogo entre diferentes

comunidades. Ao abrir suas portas para iniciativas que valorizam a história compartilhada entre Brasil e Japão, o Centro Cultural reforça sua missão de tornar a arte acessível, acolher novas expressões e incentivar o encontro entre artistas, tradições e públicos. Em uma noite em que a música se fez ponte entre identidades e afetos, o Teatro do CCJF tornou-se, mais uma vez, um espaço vivo de troca, aprendizado e encantamento — convidando o público a seguir acompanhando sua programação e a continuar atravessando mares, tempos e mundos por meio da cultura.



Oficina literária sobre Paulo Leminski ensina sobre imagem, humor e linguagem coloquial que dialogam com a comunicação virtual de hoje

Você sabe quem foi Paulo Leminski, escritor, poeta e compositor curitibano? Conhecido como um artista visionário, foi homenageado na *Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP)* deste ano. Conhecido por obras como *Catatau*, considerada revolucionária para a prosa brasileira do século 20, Leminski foi um artista de múltiplas facetas: tradutor criativo, biógrafo, judoca faixa preta, publicitário e músico. Desde 1976, Paulo Leminski, que faleceu em 1989, escrevia poesias combinadas com imagem, humor e linguagem coloquial que dialogam bem com a nossa comunicação virtual de hoje em dia. Sua importância na Literatura Brasileira é inquestionável. Pensando na relevante contribuição dele para a literatura brasileira, aconteceu no último dia 10 de outubro, na Sala de Leitura do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, a *Oficina de Literatura Paulo Leminski*, que fez parte do *Rio Capital Mundial do Livro*.

De forma simples, prática e informal, Nilane Soares, professora de literatura com 15 anos de experiência e oficineira, levou os participantes a um mergulho na incrível vida do escritor, ao ensinar sobre as motivações de escrita de Leminski, além de curiosidades, particularidades de sua obra e leitura de alguns de seus textos. Ela conta que foi a primeira vez que realizou essa oficina presencialmente, já que é um projeto que faz online desde de 2020. “Ter tido essa oportunidade pelo CCJF foi muito importante e muito diferente porque no presencial a gente consegue oferecer, perceber e motivar outras situações aos participantes”, disse. Segundo Nilane, as obras do poeta curitibano dialogam com a geração tropicalista; “ele é muito

contemporâneo pois faz um jogo de palavras com a poesia que é muito legal e ao mesmo tempo, bem profundo”, completa.

Ainda de acordo com a facilitadora, Leminski explorou tanto as vantagens da publicidade quanto a vida acadêmica (foi professor de pré-vestibular). “Ele afirmava que toda empresa de marketing e publicidade tinha que ter um poeta para poder brincar com as palavras e seduzir o cliente. Na oficina, também foram lidos textos do poeta, discutidos de uma forma bem leve e devagar, porque a poesia não é uma arte fácil”, ressalta Nilane. O resultado, de acordo com ela, foi muito prazeroso porque estavam ali praticamente 10 pessoas abertas para conhecer o desconhecido — já que a maioria nunca tinha estudado sobre o artista tema da oficina.

Depois dessa imersão, o participante pôde realizar uma atividade prática de escrita criativa nos moldes das obras de Leminski - em que a ousadia é o limite. Esse momento da oficina acabou sendo verbalizado através de uma palavra que foi escolhida no início da ocasião e compartilhada ao final já com as impressões de cada participante baseados em tudo que havia sido trabalhado em relação ao Lewiski. “Ter tido essa oportunidade de fazer essa oficina no Centro Cultural foi muito importante porque de uma certa forma nosso país carece de espaços como esse, ainda bem que aqui no Rio de Janeiro existe esse espaço com uma ótima infraestrutura e salas confortáveis, mobiliário e as pessoas muito atenciosas e solícitas em nos receber. Fiquei muito realizada em ter executado esse trabalho, tomara que venham outras oportunidades”, finaliza Nilane.



Estudantes no Cinema do CCJF assistindo a uma das sessões do 18º Festival Internacional de Animação Anim!Arte

Festival Anim!Arte: o poder da animação como ferramenta educativa e cultural

No final de outubro, entre os dias 21 a 24 e 29 a 31, o Cinema do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu o *Anim!Arte*, festival internacional de animação voltado para o público

estudantil. O evento, gratuito, promove e estimula a educação audiovisual de jovens e crianças, além de incentivar a formação de plateia de forma democrática e acessível. Em 2025, o festival que realizou a 18ª edição, comemora 24 anos de sucesso e reconhecimento nacional e internacional. A ideia é promover um intercâmbio cultural dos estudantes brasileiros com os estudantes internacionais através da animação e da arte e educação. Para Alexandre Mattos, diretor-geral e curador do *Anim!Arte*, a animação tem essa capacidade de unir arte, tecnologia e imaginação de um jeito muito acessível, despertando o olhar crítico, a sensibilidade e o sentimento de pertencimento cultural. “Acredito profundamente no poder da animação como ferramenta educativa. Quando uma criança ou um jovem cria uma animação, ele não está apenas aprendendo técnica – está aprendendo a contar uma história, a ouvir o outro, a trabalhar em grupo e a transformar ideias em imagens”, destaca.

Em tempos de buscar o melhor do que a tecnologia têm a oferecer, o ensino do audiovisual – em especial, a animação – para estudantes, ou seja, pessoas em formação profissional, pode ajudar a transformar a realidade de futuros profissionais e, como destaca Mattos, contribuir para a valorização e ampliação da arte e da cultura. “Para mim, educar através do audiovisual é também uma forma de valorizar a cultura, de mostrar que todos têm algo a dizer e que toda história pode ganhar vida, movimento e voz”, ressalta o curador.

O festival *Anim!Arte* abrange um panorama mundial com o melhor da animação estudantil e profissional, oferecendo ao seu público mostras de filmes, oficinas, workshops, master classes e fóruns de educação e animação. Na programação deste ano, foram 21 sessões com inúmeras apresentações de animações do Brasil e países como Inglaterra, Suíça, França, Chile, EUA, Rússia, África do Sul, Israel, Austrália, entre muitos outros. *Antes d’eu era nós*, de Lila Thevenom e Raquel Deliberador, *Segredos do Interior*, de Pedro Vinicius Maciel de Vasconcelos, *Cheia*, de Wayner Tristao, *Mundo Munduruku - “Floresta em Pé”*, de Adriana Pinto Barros, *O Grito Incontido*, de João Rossini, Raquel Bastos, Gustavo Costa, Kauan Godoy e *Planeta Fome*, de Édier William, estão entre as animações brasileiras exibidas no festival. Por aqui, a torcida de que o *Anim!arte* volte ao CCJF no ano que vem!





No palco do Teatro do CCJF, Helô Tenório oferece ao público uma experiência que envolve autoconhecimento, cura e reconexão com a existência
Crédito foto: Arthur Waismann

Sons, luzes, troca e cura: show imersivo “Múltipla” vai além da experiência musical

Ao conceber o show *Múltipla*, Helô Tenório, cantora, compositora, pianista e diretora musical, preparou um convite artístico e sensível — baseado na ideia de que cada um pudesse se reconhecer em sua própria complexidade e verdade. O espetáculo, que propõe uma experiência sensorial e imersiva a partir da vivência plural da mulher contemporânea, marca a transição da carreira da artista ao trazer uma nova concepção de show: nela, o público tem um papel ativo e relevante no ambiente ao se tornar o verdadeiro protagonista da cena. E isso foi visto, sentido e presenciado pelos espectadores no último dia 8 de outubro, no Teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. “*Múltipla* é resultado de uma investigação minha de muitos anos de uma nova proposta de espetáculo. A interação é feita desde o momento em que público entra no teatro, pois ele já faz parte do espetáculo. Ele é o show. Na entrada, tem uns sons acontecendo, que são *tracks* que eu gravo do show, e um diálogo grande com as luzes, a partir de um estudo que fiz sobre cromoterapia. Então, é como se, ao mesmo tempo em que o público está participando, ele também está recebendo (energia), é um momento de troca, de cura”, conta Helô.

Acompanhada por um sexteto instrumental — Ed Sousa (baixo), Sérgio Vieira (bateria), Robertinho de Paula (violão/guitarra), Thalyssom Rodrigues (teclados/piano), Felipe Cotta (percussão) e Zé Maria (flauta) — com timbres que evocam uma estética orquestral, Helô conduz o público por uma jornada de autoconhecimento, cura e reconexão com a essência. A simbologia das cores e a exploração modal da música orientam a experiência emocional do espetáculo, inspirada nas tradições ancestrais e em cenários mágicos e naturais. No repertório, 19 canções autorais, entre elas *Raiz Sagrada* (Helô Tenório e Márcia Vasquez), *Impassível* (Helô Tenório) e *Ode ao Carnaval* (Helô Tenório). “Trabalho muito com música popular...trabalhei anos com jazz, rock, música clássica, então eu tento sintetizar musicalmente essas coisas dentro da minha identidade artística e tem um pouco disso tudo misturado no show. Eu tive a honra de ter seis músicos no show que eu admiro muito, que dividiram comigo esses arranjos que eu escrevi”, ressalta a artista.

Sobre a importância da existência de espaços culturais como o CCJF, localizado no coração do Centro do Rio de Janeiro, que incentivam a arte independente e local, Helô diz ser fundamental já que “o artista precisa desses ambientes para poder existir”. “No Rio de Janeiro, nós lidamos com muitas dificuldades estruturais e eu vejo muitos artistas que não tem acesso a esse tipo de aparato e acabam não conseguindo ‘dar cabo’ da criatividade deles e isso vai morrendo, mas isso não pode acontecer. Que tenhamos mais espaços como esse para fazer esse movimento multiplicar, que inclusive é um dos pilares do meu trabalho: mostrar para as pessoas que precisamos multiplicar essas compreensões, tudo que podemos no sentido de transformar nossa realidade, o mundo que a gente vive”, torce Helô.



Cinema e sustentabilidade se unem na Mostra Mar Azul à Vista

No dia 25 de outubro, o Cinema do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu a *Mostra Mar Azul à Vista*, um evento produzido por Meg Antunes que uniu cinema, educação e sustentabilidade, despertando a consciência ambiental entre crianças e jovens.

O curta *Mar Azul à Vista* é uma animação 3D que mostra uma viagem pelo Oceano Atlântico feita por seis crianças e um comandante barbudo, a bordo de um veleiro chamado *Linda Galera*. Durante o trajeto, eles vivem uma aventura divertida e cheia de descobertas, aprendendo sobre o mar e sua importância.

A história também fala sobre a “Amazônia Azul”, que é o território marítimo do Brasil que possui inúmeras riquezas naturais e é uma região essencial para o equilíbrio do clima, e mostra como ele é fundamental tanto para o meio ambiente quanto para a economia e a ciência. O filme tem duas versões: uma voltada para crianças e outra para jovens e faz parte de um movimento que leva informação de forma acessível e educativa sobre a iniciativa da *Década do Oceano*, que foi pensada pela Organização das Nações Unidas (ONU) para mobilizar governos,

escolas e instituições sobre o conhecimento em relação aos mares e oceanos entre os anos de 2021 a 2030.

A mostra contou com atividades interativas que tinham o objetivo de ampliar o aprendizado de forma dinâmica e divertida. As pinturas faciais, o *quiz* educativo e as conversas com os participantes foram formas de conscientizar sobre um tema que talvez muitos não conhecessem, estimulando a curiosidade e a reflexão sobre o papel de cada um na preservação dos oceanos.

A *Mostra Mar Azul à Vista* mostrou que o cinema tem um papel importantíssimo no aprendizado de crianças e jovens, provando que a educação também é feita através da arte e da experiência e que a preservação dos oceanos contribuem positivamente na vida de todos, além de ressaltar que ela pode ser feita com pequenos gestos do cotidiano. A produtora Meg Antunes compartilhou que o público fez comentários positivos sobre o evento. “O objetivo da mostra foi divulgar o *Projeto Mar Azul à Vista*, que inclui a animação e exposição de peças artesanais temáticas, como a tartaruga em artesanato e um navio em miniatura, que juntos criam a ambientação desejada. Os participantes, ao final, fizeram comentários positivos sobre a animação, inclusive sobre o conteúdo didático e interessante”, declarou a produtora.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Luise França

Apaixonada por cultura e história, Luise França é a convidada da Vitral Cultural deste mês na série Por dentro do CCJF. Estagiária da Divisão de Cultura, ela conta sobre sua rotina no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), sua atuação na criação de novos processos e a descoberta diária de detalhes surpreendentes na arquitetura do prédio do CCJF. Confira a entrevista completa a seguir:

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher o curso de Produção Cultural? Como é estagiar no Centro Cultural Justiça Federal?

Luise França: Escolhi a graduação em Produção Cultural após conhecer o curso durante pesquisas sobre graduações nas áreas de gestão e cultura. Recém formada no ensino médio técnico em Guia de Turismo, queria me aprofundar na área da cultura e ampliar meus horizontes. Estagiar no Centro Cultural Justiça Federal é muito bom, todos os dias aprendo algo diferente. Procuro também trazer ideias novas e auxiliar na criação de novos processos que ajudem no trabalho dentro da Divisão de Cultura.

VITRAL: Quais suas principais funções no CCJF? Qual é a atividade que você mais gosta de realizar?

Luise França: Minhas principais funções no CCJF são criação e melhoria de processos antigos e novos, cuidar da agenda semanal interna do espaço, além do auxílio em eventos feitos pela gestão da Divisão de Cultura. A atividade que mais gosto de fazer é a criação e atualização de antigos e novos processos de gestão, criando planilhas, documentos e outros arquivos que ajudem no trabalho dos servidores do setor.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal...

Luise França: Uma curiosidade pessoal e profissional é o meu amor por história, memória e patrimônio. Ao entrar no prédio do CCJF, procuro observar a arquitetura do prédio como um todo, desde o teto até o chão. Ainda assim, sou pega de surpresa por lindos detalhes que quem passa rápido acaba não percebendo.



A Educação Audiovisual e a Animação como caminhos para a Formação Artística e Cultural

Por Alexandre Juruena, diretor-geral e curador do Anim!Arte - Festival Internacional de Animação do Brasil

"Em um tempo em que as telas se multiplicam, educar o olhar é um ato de resistência e de esperança. A difusão e a valorização da animação no campo educativo não apenas fortalecem a arte e a cultura, mas também formam cidadãos mais críticos, criativos e conscientes de seu papel no mundo."

Vivemos em uma era dominada pelo audiovisual. Imagens em movimento e sons nos cercam por todos os lados — na televisão, no cinema, na internet, nos computadores, nos smartphones, nas telas do transporte público e até nos *outdoors* digitais. O audiovisual tornou-se a principal linguagem do nosso tempo. Entretanto, o simples acesso à tecnologia não garante o domínio dessa linguagem. Se, por um lado, qualquer pessoa com um celular é hoje um potencial produtor de conteúdo, por outro, isso torna ainda mais urgente o papel da Educação Audiovisual, capaz de transformar espectadores passivos em sujeitos críticos, criativos e conscientes do poder das imagens.

A partir da minha trajetória como educador e como diretor do *Festival AnimArte*, venho percebendo o quanto o ensino do audiovisual — e, em especial, da animação — pode contribuir de maneira profunda para a valorização da arte, da cultura e da educação. A animação é uma linguagem artística única: ao mesmo tempo artesanal e tecnológica, ela combina imaginação, técnica, paciência e sensibilidade. É uma forma de arte que, ao recriar o movimento quadro a quadro, ensina o olhar, o ritmo, a composição e o tempo. Mas, acima de tudo, ensina o valor da colaboração e da escuta.

Nas oficinas e *workshops* que realizo com crianças, jovens e adultos, percebo que o processo de criar uma animação vai muito além da técnica. Trata-se de um exercício de alfabetização midiática — um aprendizado sobre como as imagens são construídas, como o som e a narrativa influenciam nossa percepção, e como cada escolha estética carrega uma intenção. Quando os estudantes passam a compreender a linguagem audiovisual por dentro, tornam-se mais capazes de interpretar criticamente o que veem nas telas. E esse é um passo fundamental para uma sociedade que consome diariamente uma quantidade imensa de conteúdos audiovisuais.

Além disso, a animação favorece o desenvolvimento de habilidades técnicas e digitais. O domínio de *softwares* de edição, captação e animação amplia o repertório tecnológico dos estudantes, preparando-os para um mundo em constante transformação. Mas essas habilidades não se limitam ao campo profissional: elas estimulam a curiosidade, o raciocínio lógico, a solução criativa de problemas e a capacidade de planejar e executar projetos coletivos.

O trabalho em equipe é, aliás, um dos pilares da animação. Produzir um curta animado é um processo que exige cooperação, divisão de tarefas e respeito aos diferentes ritmos e talentos. Cada integrante contribui com algo essencial: o roteirista imagina, o animador dá vida, o sonoplasta cria atmosfera. Esse processo coletivo reforça valores de convivência, empatia e escuta – elementos fundamentais também para a educação como um todo.

Outro aspecto central é o fortalecimento do pensamento crítico. Ao criar uma animação, o estudante precisa refletir sobre o que quer comunicar, a quem deseja atingir e quais símbolos ou metáforas podem traduzir suas ideias. Esse exercício de reflexão sobre a própria mensagem estimula a autonomia intelectual e o olhar questionador, qualidades indispensáveis em tempos de excesso de informação e superficialidade nas redes.

A inclusão social e cultural também se manifesta com força nesse contexto. A animação é uma arte acessível: pode ser feita com materiais simples – massinha, papel, recortes, objetos – ou com ferramentas digitais. Essa diversidade de meios permite que pessoas de diferentes contextos sociais encontrem um espaço de expressão e pertencimento. Em muitos casos, o ato de animar é o primeiro contato de um jovem com a possibilidade de criar arte, contar sua própria história e ver essa história reconhecida.

Esse processo criativo está profundamente ligado à autoconfiança e à auto expressão. Ver um personagem ganhar vida pelas próprias mãos é uma experiência transformadora. A cada novo projeto, os estudantes percebem que têm algo a dizer, e que sua voz pode ser ouvida e vista por outras pessoas. Essa percepção se amplia quando eles participam de mostras, festivais e exposições – como o próprio *Festival AnimArte*, que há anos se dedica a difundir e valorizar produções estudantis de animação. Esse reconhecimento público reforça o sentimento de pertencimento à comunidade artística e cultural, estimulando novas criações e o desenvolvimento de talentos.

Por fim, a Educação Audiovisual e a prática da animação contribuem para a ampliação do repertório cultural. Como afirma Jesús Martín-Barbero, “a comunicação não é apenas transmissão de mensagens, mas um lugar de mediações culturais”. A formação do repertório audiovisual, segundo o autor, se constrói nas relações entre as experiências cotidianas e as representações simbólicas que circulam na sociedade. Ensinar animação, portanto, é também ensinar a olhar para o mundo com mais profundidade – a reconhecer os diferentes modos de ver, narrar e sentir. É dar aos estudantes as ferramentas para compreender a cultura não como algo distante, mas como algo que se vive e se recria a cada imagem.

Em um tempo em que as telas se multiplicam, educar o olhar é um ato de resistência e de esperança. A difusão e a valorização da animação no campo educativo não apenas fortalecem a arte e a cultura, mas também formam cidadãos mais críticos, criativos e conscientes de seu papel no mundo.

Alexandre Jurueña é Mestre em Estudos Contemporâneos da Arte pela UFF (Universidade Federal Fluminense), Pós-Graduado em Mídia-Educação pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica) e Graduado em Design pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica). É diretor-geral e curador do AnimArte - Festival Internacional de Animação do Brasil (desde 2001 - 18 edições) e coordenador de Oficinas de Animação em itinerâncias nacionais e internacionais do AnimArte e de diversos festivais. Desde 2007, é professor e mentor da Oficina de Animação do Ensino Fundamental 1 e 2; do Projeto Multimídia (Ensino Médio) da Escola Parque - Rio de Janeiro; e desde 2022, da Oficina de Animação da Escola Aldeia Curumim - Niterói. Orientador de diversos filmes de animação voltados para o público infantojuvenil, premiados e selecionados em mais de 200 festivais de cinema nacionais e internacionais.

